

Pia baptismal da sé de Braga — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

PIA BAPTISMAL, E TUMULO DO INFANTE D. AFFONSO, NA SÉ DE BRAGA

Erguem-se estes dois bellos monumentos dos seculos XV e XVI á entrada da sé primacial de Braga. Um symbolisando a vida, e o outro a morte, como dois marcos levantados no principio e no fim do caminho que o christão tem de percorrer no mundo, parecem estar mostrando aos que entram no templo, quanto é curto o espaço que medeia entre o berço e a sepultura.

A pia baptismal não é um primor d'arte, porque não permitte a qualidade da pedra extrema perfeição de lavores; mas é uma obra de merecimento pela invenção do desenho, pela elegancia do todo, e pela graça e variedade dos relevos.

Na base figurou o artista os perigos que a infancia corre antes de receber as aguas do baptismo, ornando-a com quatro grupos de leões a devorar crianças. Mais acima, a meia altura do pé, collocou sentados sobre peanhas oito recemnascidos, um em cada face do oitavado, mostrando subir com anxiedade em procura de refugio e salvação. No amplo bojo da bacia, que é tambem oitavada, ideou, póde-se dizer, as festas do baptismo; pois que esculpiu por todo elle tenros infantes brincando alegres, e engrinaldando-se de flores.

Esta linda pia acha-se muito bem conservada. Não temos a certeza da epocha em que foi feita. Julgâmos porém, e com bom fundamento, que a mandára fazer o arcebispo D. Diogo de Sousa no começo do seculo XVI. A estampa, que acompanha este artigo, dá uma perfeita idea da belleza d'este baptisterio.

Quanto ao tumulo, é um objecto de grande primor artistico, e no seu genero o unico que ha em Portugal, pois que é todo de bronze. Sentindo não possuirmos o seu desenho, não podêmos resistir ao desejo de consignar aqui uma breve noticia de tão rica obra.

Repousa n'elle o infante D. Affonso, filho primogenito del-rei D. João I, e da rainha D. Filippa de Lencastre, fallecido na edade de pouco mais de dez annos.

Adornam todo este mausoléo delicadissimos relevos. Sobre a tampa vê-se a estatua do infante, de tamanho natural, acompanhada de figuras de anjos, postas de joelhos á cabeceira, como para o guardar e orar por elle. Um elevado baldaquino, em fórma quasi de pallio, sustentado nos angulos por quatro columnas, e decorado com infinita variedade de lavores, cobre o tumulo.

Tanto as estatuas, como os baixos relevos estão executados com singular perfeição. Este precioso monumento foi feito em Flandres na primeira metade do seculo XV, e d'ahi mandado para Portugal pela infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, tambem filha del-rei D. João I, e mulher de Filippe o Bom, conde de Flandres, e duque de Borgonha.

Está collocado o tumulo á direita da porta principal, entrando na egreja, junto do guardavento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O CÃO DO REI MELAI

CONTO ALLEMÃO DE MEISSNER (TRADUZIDO DO ORIGINAL POR HENRIQUE VAN-DEITERS)

(Vid. pag. 5)

— Pela mesma occasião trouxeram á minha presença um homem accusado de varias tentativas para assassinar um sobrinho. Seu defensor era — coisa que deve parecer estranha — o proprio sobrinho! Refutou elle todas as accusações dirigidas ao tio com a exposição de mil beneficios que d'elle recebêra, pondo o caso sob a côr mais favoravel, e muito melhor que o accusado. Tanta confiança e rectidão ostentou e desenvolveu na defesa de seu tio; tanta eloquencia, tanta logica e humanidade, que terminou por me grangear a affeição. Ergui-o do pó da mediocridade em que até então jazêra, e successivamente o fui elevando aos cargos mais honrosos, no desempenho dos quaes o encontrei sempre tão habil e firme, que acabei por nomeal-o grão-visir, com o nome de Ebn-Machmud.

Meu filho ia crescendo. Era o mais guapo e gentil moço de meus estados, e o mais avezado a todos os exercicios, quer corporeos, quer intellectuaes, que constituem a educação de um homem nobre. Sua alma mostrava-se em tudo digna do corpo que a encerrava. Concluiu com feliz exito duas campanhas contra inimigos visinhos, e quando voltava coberto de gloria, longe de se ensoberbecer com os loiros que havia colhido, era sempre o mancebo modesto, e o mesmo filho obediente e docil.

Quem me não julgaria então o mais feliz dos viventes? quem não olhára a minha ventura como inquebrantavel? Uma companheira tão formosa e meiga! um visir tão sabio e experimentado! um herdeiro da coroa, que mais parecia temer minha morte do que anhelal-a! um povo de quem eu era o idolo! Fóra o repouso, dentro a prosperidade! Todo o vigor da saude dos annos juvenis, conservada na meia idade! E apesar de tudo isto, essa serenidade que raras vezes cohabita no tugurio do pobre, e nunca no alcaçar dos reis: a serenidade de uma consciencia tranquilla, e limpa de remorsos! E não era eu digno de inveja? Quão superfluos me pareceram, no deslisar dos dias prosperos de ventura e paz, os avisos e o annel de meu pae moribundo!? Mas ai! como elles se me tornaram necessarios em bem pouco tempo!

Todo entregue á vehemencia da minha paixão, conhecia bem pouco, ou, para melhor dizer, ignorava totalmente um de seus mais negros revezes — o ciume.

Era Sulmanaca, como disse, senhora de meu coração, e, tanto quanto a sua qualidade e costumes do paiz lh'o permittiam, senhora tambem da sua liberdade e acções. Alguns de meus validos a viam a miudo em modestas ceias particulares, para que os convidavamos. Mais de uma vez até, pondo de parte a etiqueta e dignidade real, consentia eu que Ebn-Machmud se sentasse á minha ilharga como um de nossos convivas. Louco que eu era! Não devia reflectir que ver Sulmanaca, e ficar logo agrilhoado pelas cadeias do amor, era uma e mesma coisa?!

Ignoro se nos primeiros tempos, por uns restos de gratidão e lealdade, fez Ebn-Machmud por soffrear esta paixão que para o diante lhe tomou conta, sem reserva, do coração. Eu, porém, vim no conhecimento — já tarde! — de que um rival é sempre perigoso, ainda mesmo para um rei.

Conjecturando pois o visir que difficil ou impossivel se lhe tornava o esbulhar-me da posse d'este precioso thesouro, pelo menos em quanto conservasse as redeas da governação, começou de pensar nos meios que devia pôr em prática para m'o usurpar.

É de suppor que elle sondasse nos olhos de Sulmanaca algum indicio vago, ou esperança lisongeira que lhe dissesse daria ella a preferencia a um mancebo, sobre um marido quinquagenario; póde ser tambem que de sobra conhecesse elle as mulheres, para não ignorar que as suas affeições costumam variar com a fortuna. O caso é que todos os seus projectos e machinações convergiam a procurar um partido entre o povo. Surtiram-lhe bom effeito, porque, quando eu disse que era adorado de meus vassallos, referia-me sómente ao maior numero. A orgulhosa pretenção de que se é querido de todos, não passa de uma loucura, seja em quem for; dobrada loucura, se esse que assim o crê é monarcha!

O partido dos descontentes que eu fizera com o meu systema de governo, era o mais fraco em numero, porém o mais para temer pela sua influencia: compunha-se, quasi exclusivamente, de homens de guerra.

A paz que eu fizera adoptar como alicerce do edificio da governação, os punha na mingoa e privação dos ricos espolios que costumavam colher nas campanhas sob o reinado de meu pae. Assim, era com despeito e summo desgosto que elles viam um governo sabio e pacifico, manter em tranquillidade o estado que suas tendencias guerreiras procurariam proteger e martyrisar ao mesmo tempo. Não passou despercebida esta circunstancia aos olhos de Machmud, que d'ella fez degrau para attingir os fins a que visavam seus malevolos intentos, atiçando-lhes a cobiça por via de idéas de proximas guerras e augmento de soldada, e incitando-os a pedir uma e outra coisa, ao passo que empregava todos os meios ao seu alcance para me fazer proferir uma resposta negativa, em quanto se conservava de atalaya a ver o que surtia d'este trama. Porém, proferido que foi o fatal *não*, immediatamente se poz á testa do seu partido, e d'ahi em diante só me fallou do caracter serio que de dia para dia tomava a revolução.

Foi a guerra o unico desfecho de todos estes acontecimentos e machinações. Todos os que se me conservaram fieis se agruparam em torno de mim, á frente dos quaes puz meu filho na qualidade de general.

Os dois exercitos vieram-se ás mãos, e por duas vezes meu filho ficou vencedor; porém ao terceiro recontro pereceu. Quando me trouxeram o seu cadaver precipitei-me como desvairado sobre elle, victima da mais pungente dor e profundo desespero. Oh! mas Deus decretára que não ficaria aqui a minha magoa; outra maior m'a veiu exacerbar. Um dos escravos me entregou um papel, onde vi claramente que Ebn-Machmud conseguíra fazer vacillar a ternura que meu filho me tinha, pela supposição de phantasticos perigos que lhe preparava Sulmanaca; que elles só tinham pegado em armas pelo que dizia respeito á partilha das provincias; que meu filho fôra forçado pelo exercito, mau grado seu, a salvar o exito do ultimo combate; e que, contra expressa ordem de Machmud ahi perecêra victima do equivoco de um soldado. Se até alli me ferira no intimo d'alma a traição do meu valido, imagina como ella não ficaria despedaçada ao saber da deserção de meu filho unico!

Eu proprio puxei então da espada, e o meu povo ficou maravilhado de me ver á sua frente. Ultrapassavam minhas forças em numero as dos insurgentes, e a primeira acção que houvesse devia de ser decisiva.

Finalmente os dois exercitos encontraram-se: co-

mo disse, á testa do primeiro ia eu, á frente dos revoltosos achava-se Ebn-Machmud. Duas grandes paixões nos aguilhoavam o animo e impelliam para o combate: a mim o odio, a Ebn-Machmud o amor. Commandava eu a ala direita, e a esquerda pelejava sob as ordens de Muarkuly, guerreiro velho e experimentado, que meu pae descontente condemnára á morte; mas a cuja pena eu o subtrahíra, obtendo-lhe o perdão. De quem melhor me podia eu fiar senão de um homem que me devia a vida? Pois esse mesmo me trahiu! No mais rijo e cerrado da peleja passou-se para os arrayaes contrarios com grande parte da sua ala. Immediatamente a desordem reinou nas minhas fileiras, já então victoriosas; e um quarto de hora foi sufficiente para me despenhar do apogeu da grandeza e poderio, ao mais profundo e tenebroso da miseria!

No auge da minha desesperação corri como louco á tenda de Sulmanaca, e lhe ordenei que montasse o corcel mais veloz para me acompanhar á primeira fortaleza que encontrassemos. Quasi estou certo, lhe disse, que o carcere e a morte nos aguardam; mas ao menos morrâmos como temos vivido!

Respondeu-me esta desgraçada com o conselho de me submetter ao vencedor, e offereceu-se-me para implorar a sua clemencia, propondo-me... Meus Deus o que mepropoz ella! Era assás. Provada estava a sua traição tambem. Debalde quiz soffrear a colera e a raiva que se assenhorearam de meu coração, a ponto de me toldarem as idéas como se foram nuvens de sangue, e tirei do punhal para golpear uma a uma as fibras d'aquelle peito que abrigava sentimentos tão vis e abjectos. Não pude, porém, levar a effeito o meu designio: attrahidos pelo clamor dos gritos angustiosos que ella soltou ao ver reluzir por diante dos olhos a lamina do punhal, muitos dos meus officiaes invadiram a camara de subito, e pela primeira vez percebi que já não era o monarcha, ante o qual todos dobravam o joelho. Na vespera ainda, desgraçado do que ousasse reter-me o braço: o gume de dez adagas caro lhe faria pagar a ousadia; n'aquelle dia tolhem-me o movimento, separam-me d'esta miseravel, e despojam-me das armas! Verdade é que para isso usaram ainda de palavras e maneiras respeitosas, onde ressumbrava o ar de quem presta um serviço; mas ai! a minha perspicacia penetrou atravez d'estas vãs apparencias: em roda de mim não vi um unico em quem me podesse fiar. Entretanto, mensageiros sobre mensageiros me annunciavam o completo desbarato do meu exercito, e a chegada, cada vez mais proxima, de Ebn-Machmud.

O momento era decisivo: cavalguei o melhor corcel que houve á mão, exclamando: — quem me é fiel siga-me! — D'entre mais de cem mil apenas uns cincoenta se me reuniram. Distanciava a cidadella onde nos ia-mos acoitar, obra de um dia de jornada, do sitio em que nos achavamos. Caminhámos durante o dia, e já estavamos proximo, faltando só transpor um pequeno bosque, quando a noite nos veiu colher. Caía ella rapida, e nós não corriamos, voavamos como quem se vê perseguido pela morte. Quando entrámos no bosque era meia noite. Exhaustos pelo cansaço e falta de alimento, mal podiamos resfolegar; os nossos pobres corceis arquejantes e afrouxando o passo a cada momento, já tingiam o freio de sanguenta espuma: era impossivel continuar sem lhes dar descanço; fizemos alto. A curiosidade me levou a contar os que me seguiam; verifiquei que dos cincoenta que haviam partido commigo apenas restavam dez. Os mais, ou estropeados da marcha, ou arrependidos, ficaram atraz. Sorri então com sorriso amargo e ironico; mas não exhalei um só queixume. A magoa, a desesperação, a sêde de vingança, e o desamor á vida, extravasavam-se-me no coração, pequeno para conter estes rios de fel; todavia a fome e a fadiga sobrepujavam a todo este complexo de paixões tulmutuosas: deitei-me sobre a relva e adormeci. Após algumas horas de somno agitado como o de réprobo, despertei do tremendo pesadelo, ergui-me, e atravez do crepusculo vi que estava só! Minto. Não mui longe de mim pascia o meu corcel; a meus pés velava um cão.

De mais te hei enfadado com a historia de acções torpes e de creaturas infames; é mister que lhe esbata o negregume com alguns quadros de feição opposta. Para tornar mais claro e intelligivel o proseguimento d'esta narração, cumpre dizer-te primeiro o que era este cão, e por que modo o adquiri.

Entre os muitos e differentes generos de caça, era a do tigre a unica que me aprazia, pela julgar de proveito para o paiz. N'uma d'estas monterias vi um cão mui novo, mas em extremo audaz e corajoso; todo banhado em sangue, debatendo-se debaixo das garras de um tigre. Tive a felicidade de matar a fera justamente quando se dispunha a acabar com o seu inimigo. Compungiu-me tanto o estado lastimoso do pobre animal, que ordenei m'o levantassem do chão, e m'o trouxessem; e como eu andasse sempre munido de um balsamo vulnerario, derramei algumas gottas sobre as feridas do cão; por tal fórma lhe alliviou as dores, que os agudos gemidos que até então soltava, se lhe converteram n'um lamento doce e suspirado, que por vezes interrompia para me lamber as mãos em signal de agradecimento.

Reiterei a ordem de o tratarem com todo o desvelo, e o cão sarou completamente. Como perguntasse amiudadas vezes por elle durante o curativo, trouxeram-m'o logo que as feridas cicatrizaram. Reconheceu-me o animal, e como se estivera inteirado de que me devia a existencia, tantas e taes caricias me fez, que desde esse momento ficou sendo o meu favorito. Não havia nunca separal-o de mim, tal era o ardente zelo e intranhavel affecto que me dedicava. Meu companheiro durante o dia, meu guarda durante a noite, fielmente me seguiu por toda a parte, ora na peleja ora na fuga. Quando todos os que me deviam defender desappareceram, velava um cão a meus pés, como disse. Era elle!

Faze de mim o conceito que quizeres, proseguiu o ancião, retomando o fio da sua historia; mas aquelle que ainda ha pouco era rei do Indostão, beijou com jubilo o seu cão, o unico amigo fiel que lhe ficára, com mais ternura e gratidão do que o teria feito ao restaurador do seu throno.

Tornei a cavalgar o meu corcel e continuei a jornada; mas não foi para a fortaleza que me dirigi, porque bem certo estava me não seriam abertas as portas.

(Continúa)

FUGA DA RAINHA, MULHER DE AFFONSO VI, E REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

(Conclusão. Vid. pag. 3)

No dia 25 Saint-Romain apresentou ao principe mr. d'Almeras, e toda a officialidade da esquadra.

Vestido á franceza, como andava sempre, D. Pedro recebeu-os com a maior amabilidade, agradecendo a entrada e demora no rio da armada franceza. Fallou-lhes tambem da alliança e união dos dois reinos, e da sua consideração pelo rei de França, nos melhores e mais honrosos termos que francezes podiam desejar. No mesmo dia, seguindo a opinião do marquez de Sande e de alguns outros conselheiros, assignou, datada de 22, a promessa que Saint-Ro-

main lhe pedíra por intermedio da rainha, de guardar religiosamente a alliança franceza.

Cumprindo o despacho do seu governo de 18 de setembro, tinha o enviado francez entregue ao marquez de Sande uma memoria, que, apresentada em conselho, suscitára a resolução de enviarmos sem demora a França um embaixador extraordinario, a fim de tratar negocios da paz. Espalhou-se logo que o escolhido seria, ou o conde de Miranda, ou D. Rodrigo, irmão do marquez de Marialva. Diziam alguns no conselho, que tendo a França expulso o ultimo embaixador portuguez, não deviamos ser nós os primeiros a enviar-lhe outro. O tempo e a importancia do negocio fizeram, porém, passar por cima d'essa formalidade.

O enviado francez ligava grande importancia ao despacho do plenipotenciario portuguez. Era, dizia elle, um meio de avançar pelo lado da França a negociação da paz, e tirar aos inimigos toda a casta de pretexto para calumniarem Luiz XIV a tal respeito, e excitarem o mundo contra elle. Tambem este passo podia servir para assegurar, de mais em mais, a execução do tratado de alliança, e remover de Lisboa toda a casta de negociação de paz. Certo era que, tanto em Portugal como em França, se recebêra o mesmo aviso, de que no conselho de Castella se resolvêra fazer a paz com Portugal, como este a desejava, dando-se mesmo ao infante uma princeza da casa d'Austria. Os ultimos acontecimentos e altercações, cuja noticia chegára a Madrid em seguida áquella resolução, pareciam ter paralysado os castelhanos na sua proposta, dando-lhes occasião a esperarem talvez nova conquista d'este reino, por meio de um dos dois irmãos dissidentes.

Isto fazia com que os amigos da França procurassem, no interesse da rainha e do alliado, accelerar em Lisboa a conclusão das pendencias começadas.

D'Almeras, Gravier, e Saint-Romain, prestavam ao infante a embarcação que lhes pedia, por não poder então equipar uma portugueza, para transportar o plenipotenciario que se resolvêra enviar a França.

A rainha preparava-se para mandar da sua parte, na mesma occasião, á corte e aos seus parentes, Verjus, que lá podia contar, com todos os pormenores, o que se passára em tão grande mudança, singularmente operada sem estrondo de maior.

Os mesmos que no paço guardavam D. Affonso VI reinante, o guardavam prisioneiro, guardando o infante regendo em seu logar.

O mesmo conselho que aconselhára o rei, aconselhava o regente.

E não se tinha mudado um só homem, nem nas guardas, nem no conselho!

O partido francez exultava com a revolução, que em todas as suas phases lhe fazia ver boas disposições, e razões para esperar que cada dia os portuguezes se iriam tornando, de mais em mais, francezes, e o novo governo, no seu conceito mais digno, mais forte, mais vigoroso que o precedente na direcção dos negocios e guerra contra a Hespanha.

Entretanto, por mais que em Lisboa fizessem os agentes francezes, o conselho de estado, o regente, e a propria rainha, não absolviam Luiz XIV de pagar n'aquelle anno todo o subsidio promettido a Portugal, no caso da não ruptura da França com a Hespanha; e tinham para si que elle não podia eximir-se sem faltar ao tratado da liga. As razões da opinião portugueza eram bem sabidas. A principal era que a França, invadindo a Flandres, não intentára romper com a Hespanha, como o declarára em todos os seus escriptos. Effectivamente, por nenhuma outra parte atacára os hespanhoes, pelo que faltára á diversão que era obrigada a operar na Catalunha, unica que podia consolar Portugal, e dispensar a França de pagar o subsidio inteiro. Bem ao contrario do ajustado, fôra a França que aproveitára na Flandres da diversão feita por Portugal a todas as forças hespanholas na peninsula.

Os afrancezados olhavam esta pretenção de Portugal como razoavel, e a recommendavam ao governo christianissimo. Quando mesmo a pretenção tivesse menos fundamento, pois se estimava a alliança de Portugal, e se queria estabelecer fiel e sincera intelligencia com elle, tinha-se como necessario que a França o ajudasse na situação em que estava. Porque dentro de um mez, diziam, deviam as cortes reunir-se em Lisboa, era boa occasião de toda a nação ver a consideração que a França tinha por Portugal nas suas necessidades.

Sabida a resolução dos castelhanos a respeito da paz com Portugal, o infante estava, como era facil de ajuizar, cercado das maiores difficuldades. Diziam os francezes que nada havia a desejar nas suas boas intenções ácerca da França; mas não podia, se fosse forçado pela necessidade, ceder á inclinação publica pela paz? Mas se não fosse auxiliado no começo? Se não tivesse meios para fazer, como mostrava desejar, uma boa campanha no anno seguinte?

Verjus era bom emissario para fazer todas estas considerações ao governo francez. D. Maria Francisca, que se previa ir a ter grande parte no governo do reino, se as coisas terminassem como se esperava, podia ter n'elle inteira confiança, e desejar que, depois d'esta missão, o reenviassem a Portugal, onde seria de muita importancia para ella, não menos que para o serviço da propria França.

Ahi ficam os dois cunhados mais unidos, na sua separação, do que estavam quando ambos conspiravam livremente, para haverem ás mãos o governo que o malfadado herdeiro de D. João IV tão mal conduzia: ahi fica D. Maria Francisca sonhando ainda na clausura com o throno que por pouco tempo abandonára: ahi fica o regente, trocada a Côrte-real pelos paços da Ribeira, envolvido em todos os esplendores da coroa, sem lhe sentir o peso na cabeça, com a ambição politica satisfeita, mas com um vacuo que era preciso encher no coração.

Não tardará muito que esteja de novo mudado e satisfeito, o intimo desejo d'estes nossos dois mais sobrelevados personagens. Um verá trocadas as genuflexões da communidade respeitosa, pelos applausos da corte: outro alcançará a posse de um precioso objecto de affeição, e prestigioso agente de governo.

JOSÉ DE TORRES.

UMA BRUXA DA SIBERIA

De uma curiosa relação de viagem ao paiz dos yakutas, na Siberia, escripta por um indigena, e traduzida em russo, tirámos o retrato de uma bruxa notavel pela sua popularidade na Siberia, onde foi consultada como oraculo, e temida como furia infernal. Era de origem russa, e chamava-se Agrippina, nome da torpe mãe de Nero.

Eis como nol-a descreve o citado viajante, Ouvarovski, actualmente ao serviço da Russia, em cuja capital imprimiu a sua viagem.

No meiado seculo passado, vivia em Djigansk uma russa chamada Agrippina (Ogröpönö), que minha mãe conheceu de vista. Passava por feiticeira; tinham-se por felizes os que ella estimava; e ao contrario se julgavam perdidos os que esta bruxa odiava. As suas palavras eram acatadas como se viessem do ceo, mas não fallava de graça.

Tendo adquirido a confiança do povo, e juntando alguns bens, mandou fazer um tugurio entre os ro-

chedos, a quatro myriametros ao sul de Djigansk, para o qual se retirou nos ultimos annos. Ninguem passava por aquella choupana sem lhe ir pedir a benção, e levar-lhe algum presente. E ai do que faltasse a este culto, que em breve ella o puniria, para o que se transformava em corvo, conjurando grandes tufões de vento que arrojavam a bagagem do viajante ao rio, e tiravam o uso da razão ao incredulo.

Ainda hoje, que ella é fallecida, e ha tantos annos, os viajantes costumam ir pendurar as suas offerendas nas arvores que assombraram os sitios onde a feiteiceira viveu, com receio de que até depois de morta lhes faça alguma perraria.

O seu nome é conhecido não só dos habitantes de Djigansk, mas de todos os yakutas dos arredores de Yakutsk. Para designarem uma mulher que endoideceu, dizem que foi embruxada por Agrippina de Djigansk.

A tradição refere que esta feiticeira chegou á idade de 80 annos; que era gorda, alta, picada das bexigas, olhos brilhantes como a estrella da manhã, e que tinha a voz vibrante como o som do vidro quando se lhe toca.

A memoria de Agrippina não se extinguirá jámais na Siberia.

Vejamos agora a descripção que Ouvarovsk nos



Bruxa da Siberia

faz do paiz e do povo onde esta embusteira grangeou tanta influencia.

A provincia dos yakutas tem dois aspectos differentes: a léste e ao sul de Yakutsk é povoada de montanhosos rochedos; ao oeste e ao norte é plana, e ahi crescem arvores alterosas e copadas; o solo, porque tem muito humus, possue uma força de vegetação incomparavel. No primeiro de maio apenas se vê a relva rompendo o gelo, mas no fim do mez todas as arvores tem já despontado as suas folhas largas ou aciculares, e toda a campina verdeja.

Nas ilhotas do rio cresce o feno, n'um mez, até á altura de homem a cavallo. Os raios do sol não derretem a neve da superficie da terra mais que a tres ou quatro palmos de profundidade. Para abaixo tudo é gelado até cincoenta braças. Não se tem podido descer mais.

Ha alli grandes correntes d'agua, cuja extensão e profundeza são consideraveis. Os rios seriam proprios para a navegação, se as margens fossem habitadas. Mas não tem povoação, e tantas aguas só conduzem jangadas de sete taboas, ou canoas de madeira e cortiça, que apenas supportam duas ou tres pessoas. Os numerosos lagos alimentam toda a especie de peixe. A gente laboriosa póde viver exclusivamente da pesca.

Devo aqui mencionar de passagem um phenomeno curioso. Entre Yakutsk e Vilinisk ha um lago de sete myriametros de largo; os habitantes da margem me contaram, que se lembravam de ter visto n'aquelle sitio o terreno sêcco; mas que um dia o incendio do matto, ou algum raio, lançára fogo ás arvores do bosque, queimando as raizes e herva até uns tres ou quatro palmos de fundo. Em dois ou tres annos a neve e as chuvas formaram n'aquella paragem um acervo de agua, que á força de ser batida

pelos ventos lhe cavou um leito de duas a tres braças. Os habitantes não podiam perceber como os peixes tinham vindo para aquelle lago, não communicando elle com nenhum outro. Pareceu-me poder dar-lhes a explicação, com a qual se julgaram satisfeitos. As gaivotas e andorinhas do mar que frequentam o lago, teriam comido ovas de peixe; estas aves com a moela recheia de alimentos que não podem conservar, vomitam antes de tel-os digerido; os ovos novamente mergulhados n'agua produzem o peixe. Eis-aqui a explicação.

É grandissima a intensidade do frio n'este paiz, creio que maior que n'outra qualquer provincia da Siberia.

O thermometro de Réaumur, com que os russos medem a temperatura, varia durante quatro mezes do inverno de quarenta a quarenta e nove graus. Apesar do rigor do frio, os forasteiros só padecem o incommodo da tosse e constipações, mas os indigenas nunca deixam de sair, e até viajam. Aonde ferem os raios do sol, o calor não é menos excessivo no verão que o frio no inverno: é então difficultoso andar, e impossivel caminhar descalço pelos areaes. Por isso os yakutas andam sempre calçados no estio. O calor é muito mais prejudicial que o frio á saude do homem; e causa camaras de sangue que arrebatam principalmente os que se alimentam de leite no verão. É para lastimar que os medicos russos não conheçam nenhum remedio para curar esta doença.

O paiz dos yakutas é de tal extensão, que a temperatura differe em toda a parte; em Olekminsk, por exemplo, o trigo nasce bem, porque a geada vem mais tarde; em Djigansk, pelo contrario, a terra só desgela até dois palmos de profundidade, e a neve cáe alli desde o mez de agosto.

A população yakuta sóbe a duzentas mil almas. São baptisados segundo o rito da egreja russa, cujos mandamentos observam; confessam-se annualmente, mas poucos recebem a communhão porque não podem jejuar. Não sáem de manhã sem orar a Deus, nem se deitam sem fazerem as suas resas. Quando a sorte lhes é favoravel, louvam a Deus; quando cáem em desgraça, crêem que é castigo do ceo por seus peccados, e sem se descorçoarem, esperam com resignação melhor sorte. Apesar d'estes louvaveis sentimentos, conservam ainda algumas crenças supersticiosas, e notoriamente a de se humilharem perante o diabo; quando sobrevem as epidemias e epizootias, mandam fazer conjurações pelos seus sacerdotes, offerecendo em sacrificio uma cabeça de gado especial.

São os yakutas de mediana estatura, mas homens robustos; o rosto é um pouco achatado, o nariz de grossura desproporcionada, os olhos castanhos ou pretos, os cabellos negros, lisos e espessos; não tem barba; a pelle não é branca nem preta, e mudalhe de côr tres ou quatro vezes no anno: na primavera por effeito do ar, no verão pelo sol, no inverno pelo frio e pelo lume. No outono ou no fim do verão, o trabalho da ceifa ou a indigencia fal-os emmagrecer; no estio, antes da sega do feno, ou no fim do outono, a abundancia do leite, nata e carne os engorda.

Nunca fazem guerra, porque são pacificos, nem passam por heroes; mas devem-se ter por descendentes de boa raça, á vista da vivacidade dos seus movimentos, da affabilidade das suas palavras, e do seu trato social.

Acrescentaremos que são muito intelligentes. Basta que se converse uma hora ou duas com elles para se lhes conhecer os sentimentos, o caracter, e o espirito. Comprehendem sem difficuldade o sentido de um discurso elevado, desde o principio, e o que se ha de seguir. Ha poucos russos, ainda dos mais artificiosos, que sejam capazes de enganar um yakuta do matto.

Este povo é o unico que dá de beber e comer de graça aos viajantes; e é no que a sua bondade se manifesta claramente. Entrae na tenda de qualquer, que logo vos offerecerá de tudo o que tiver; conservae-vos ahi uma semana, um mez, e elle vos sustentará sempre, e ao vosso cavallo. Tem, não sómente por vergonha, mas tambem por peccado, receber paga pela hospitalidade. «Deus, dizem elles, é que dá o comer e o beber, a fim de que todos os homens se possam aproveitar; estou provido de viveres, meu visinho não o está, devo repartir com elle do que me dá o Creador.» Se caís doente em sua casa, todas as pessoas da familia velarão por vós, e proverão ás vossas necessidades segundo os seus meios.

Respeitam muito os velhos, seguem os seus conselhos, e dizem que é peccado offendel-os ou irrital-os. Quando um pae tem muitos filhos, e os casa successivamente, levanta-lhes uma vivenda ao pé da sua, e reparte com elles os gados e bens que possue. Ainda depois de casados, os filhos obedecem á auctoridade paterna. Quando o pae tem só um filho, conserva-o comsigo, e não se separa d'elle, excepto quando enviuva e torna a casar com mulher que lhe dê mais filhos.

São mui sobrios e soffredores, a ponto de estarem tres e quatro dias a trabalhar sem comer. Tem grande aptidão para todas as artes e officios, imitando as manufacturas que se lhes apresentam. Tambem são mui sagazes e especuladores no commercio, principalmente no das pelles da caça do paiz, que tem muito valor.

As mulheres yakutas são em geral bem parecidas, e algumas lindas. São mais aceiadas que os homens, e, como é natural, muito amigas de enfeites; nunca se deixam ver com a cabeça descoberta, nem descalças. São muito fieis a seus maridos, e honram egualmente a Deus, ao pae e á mãe, tanto seus como do consorte.

Tal é o retrato do paiz e do povo onde tem ainda grande predominio as bruxas, taes como a celebre Agrippina representada na nossa gravura.

Lamentemos as cegueiras da humanidade.

OS PORTUGUEZES NA CHINA

I

Se é certo que o imperio da China, por tantos seculos segregado da communhão e da civilisação européa, váe agora, em virtude do ultimo tratado anglo-francez, abrir uma nova era nos seus annaes, e nos do mundo, convem se saiba, e se reconheça, que Portugal foi a primeira potencia christã que restaurou a civilisação evangelica em tão dilatado e famoso imperio.

E porque vemos não só posta em esquecimento, mas até em duvida, esta gloria da nossa terra, trataremos de resumir em poucos artigos o que anda disperso em tantos livros, e occulto em alguns manuscriptos.

Entre as muitas embaixadas que el-rei D. Manuel enviou ao Oriente, depois do descobrimento da India por Vasco da Gama, foi a de China que mais empenho lhe mereceu.

Eis o que sobre este ponto apurou João de Barros, tratando da primeira embaixada commettida a Peres de Andrade, que partiu de Lisboa para a India na monção de 1516.

Fernão Peres de Andrade partiu de Malaca para a China no mez de junho de 1517, com uma armada de nove velas, indo elle na capitania, e nas ou-

tras náus foram por capitães Pero Soares, Jorge Mascarenhas, Simão de Alcaçova, Jorge Botelho de Pombal, Manuel de Araujo, Antonio Lobo Falcão, Martim Guedes, e Duarte Coelho. Com tres mezes de viagem chegou a frota á ilha de Tamam-Labua, situada a tres legoas da terra firme, onde por ordenança do imperador da China ancoravam todas as náus estrangeiras que vão da provincia de Cantão. Quando alli chegou a nossa armada, achou lá a do imperador que andava em guarda dos seus portos, por causa dos corsarios, que ha muitos n'aquella provincia.

O capitão d'esta armada chineza, espantado de ver as nossas náus, cuidando que era algum novo genero de corsarios, encaminhou para elles com toda a sua frota a ponto de guerra; mas Fernão Peres sem dar signal de se querer defender, nem offender, foi seu caminho direito ancorar na ilha de Tamão. O capitão da frota chineza, que tambem veiu surgir no mesmo porto, mandou-lhe perguntar de que nação era e que buscava. Fernão Peres respondeu-lhe o que ácerca d'isso cumpria, pedindo que lhe désse pilotos para ir á cidade de Cantão despachar um embaixador que el-rei de Portugal seu senhor mandava a el-rei da China. O capitão lhe mandou dizer que logo avisaria o governador de Nanto, uma villa junto da barra do rio que vem de Cantão, para que fizesse saber aos governadores da cidade a sua vinda. O qual governador (a que chamam *piu*) o mandou visitar ao outro dia, fazendo-lhe saber que já tinha despachado o mensageiro; mas a resposta tardou tanto, que enfadado Fernão Peres d'Andrade, com dois navios e alguns bateis se foi d'aquelle porto ao de Nanto, que é obra de quinze legoas de Cantão; e sem mais ter outro recado do governador d'aquella cidade, a que chamam Tutão, foi lançar ancora diante da principal porta d'ella, junto de um caes de pedraria com degraus, feito ao nosso modo, defronte do qual está uma ilheta com uma torre a modo de campanario, onde os governadores da cidade tem por costume convidar os estrangeiros a quem querem fazer honra; o que o Tutão quizera fazer a Fernão Peres, mas elle se escusou com achaque de mal disposto.

Aqui esteve alguns dias, nos quaes assentou os negocios a que ía com o Tutão e governadores da cidade, e deixando n'ella o embaixador que havia de ir ao rei da China, e algumas outras pessoas, tornando-se para Tamão, onde esteve quartorze mezes por levar regimento d'el-rei D. Manuel, que n'aquellas partes da China estivesse até que se informasse bem dos negocios e tratos da terra, poder, e senhorios do rei d'ella, no qual comenos vieram alli ter muitos juncos de lequeos, guoros e japangos, os quaes, por principal mercadoria traziam oiro, em muita quantidade, pelo que determinou mandar a estas provincias Jorge Mascarenhas, com pilotos e lingua da terra; e este correu a costa de Chincheo, que é limpa, e povoada de muitas villas e aldeias. N'esta viagem encontrou muitos juncos que navegavam para diversas partes; e no porto onde surgiu lhe deram informação da grande cidade de Fuquiem, para onde se fez á vela; mas embocando o rio em que está situada, recebeu cartas de Fernão Peres, que lhe mandou por terra, em que lhe escrevia que se tornasse, que era tempo de se partirem para a India, o que assim fez, e lhe deu conta do que passára e vira n'esta viagem, da grande fertilidade d'aquellas provincias, da abundancia de todas as coisas, assim de trato como de criações e mantimentos, na qual a pimenta vale mais que na India, e as mercadorias que se dão a troco das que alli levam são muito melhores que as da India, e melhor mercado.

Depois da chegada de Jorge Mascarenhas, Fernão Peres mandou apregoar em Tamão e em Cantão, que se os portuguezes deviam alguma coisa aos da terra, lh'o fizessem saber para mandar pagar tudo; do que todos foram mui contentes, louvando o bom modo que tivera em todas as coisas que negociára o tempo que alli esteve, o que feito, com deixar os senhores e governadores de Cantão e Tamão e de toda aquella comarca muito contentes, e satisfeitos de sua amizade e conversação, se fez á vela no mez d'outubro de 1518, e veiu ter a Malaca com as náus carregadas de muita riqueza sem o navio de Pero Soares, que com tormenta se perdeu sem se salvar coisa nenhuma d'elle, excepto a gente que toda foi ter a Cantão, e veiu depois á India com Simão de Andrade. Em Malaca achou Fernão Peres D. Aleixo de Menezes, com poderes de seu tio Lopo Soares, em que lhe mandava que não fosse a Pegú, nem a Bengala, como levava por seu regimento, mas que entregasse a frota a D. Aleixo, o que fez e se partiu para a India, onde já achou por governador Diogo Lopes de Sequeira, de quem foi mui bem recebido, e em cuja companhia esteve todo o anno de 1519; e no janeiro de 1520 partiu para o reino com Vasco Fernandes Coutinho, cada um em sua náu, onde chegaram na entrada de julho do mesmo anno. E por a cidade de Lisboa estar tocada de peste, se foi a Evora, onde el-rei estava com a rainha D. Leonor, sua derradeira mulher, dos quaes foi mui bem recebido, e el-rei lhe perguntava muitas vezes pelas coisas da China, e das outras provincias d'aquella região, ouvindo-as com muito gosto, porque de seu natural era curioso de saber o que se passava pelo mundo, para d'isso tomar o que mais cumprisse ao governo de seu estado, reino e senhorios.

Diremos no proximo artigo por que não vingou esta primeira tentativa.

DOMINGO DE RAMOS

Refere o Santo Evangelho, que no dia em que Jesus entrou em Jerusalem, o povo correu, alvoroçado, a recebel-o, levando todos, e principalmente os meninos, palmas e ramos com que lhe juncavam o caminho, já atapetado com as capas que lançavam no chão, á medida que o Senhor caminhava para o templo.

Conforme a chronologia do padre Lami, se fez esta entrada aos 9 dias do mez de nisan, que corresponde aos 28 de março, em um domingo de tarde, quasi ao sol posto.

S. Bernardo no *Serm.* 1 *de Ram.*, intimando o desprezo das glorias do mundo, e ponderando a sua inconstancia, nota que o povo judaico, no mesmo tempo e no mesmo logar onde recebeu a Christo com tão grande triumpho, d'ahi a poucos dias pediu que o crucificassem. N'um dia acclamam-no rei de Israel, e chamam-lhe filho de David; alcatifam as ruas por onde elle caminha, com ramos verdes e floridos; despem as capas e as lançam no chão, para que o Senhor passe por cima; tudo jubilos, tudo adorações: mas, passados alguns dias, os mesmos já diziam que não tinham outro rei senão Cesar; que antes queriam solto e livre a Barrabás homicida, que a Chrito innocente: as flores converteram-se em espinhos, os applausos em açoites, as honras em desprezos. Que exemplo mais claro para conhecer o que é a gloria do mundo, e no que se devem estimar as acclamações do povo! O mundo perverso (exclama o nosso fr. Luiz de Granada) promettedor falso, enganador certo, amigo fingido, inimigo verdadeiro, lisonjeador publico, traidor occulto; nos principios suave, nos

fins amargoso, no rosto brando, nas mãos cruel, nas dadivas escasso, nas dores prodigo!

Esta ceremonia que os judeus usaram de lançar as capas e os ramos das arvores pelas ruas no dia da entrada de Christo em Jerusalem, aprenderam elles dos romanos, que assim faziam nos triumphos dos imperadores. E não foi sem mysterio que este rito se observasse na entrada triumphante do Redemptor do universo na cidade santa, para que se conhecesse o seu imperio e divindade. Fr. Heitor Pinto, no dialogo I da *Imagem da Virtude*, reflecte — que os reis nas entradas das cidades são recebidos debaixo do pallio, que lhes cobre o ceo: porém Christo, para se distinguir dos soberanos do mundo, foi recebido, ficando-lhe o ceo descoberto, por cima dos pallios ou capas que os judeus lhe lançaram sobre a terra.

Ainda se observa pontualmente em Jerusalem esta ceremonia no domingo de Ramos pelos religiosos de S. Francisco.

Em todas as egrejas catholicas se faz n'este domingo uma procissão, que vem á porta do templo, e d'alli entra triumphante, levando todo o sequito ramos de palma nas mãos, e com elles assistem ao officio commemorativo da entrada de Jesus Christo em Jerusalem, entre os hosannas ou vivas do povo judaico.

SETUBAL

HABITANTES DE CETOBRIGA ANTERIORES AOS ROMANOS

Todas as boas posições, diz com summo acerto mr. de Gerville, *são de todos os tempos e de todos os povos*. É uma verdade que não carece de demonstração, e a que póde dar-se o fôro de axioma. Com effeito as gerações desapparecem, a uns povos succedem outros povos; mas o gosto de uma subsistencia commoda e os attractivos de uma boa localidade são sempre os mesmos para todos. As mesmas causas, uma boa exposição, um terreno fertil, a visinhança de um rio, produzem em todos os mesmos effeitos, o mesmo desejo de residencia. Embora o tempo, o fogo, as tempestades destruam esta morada; seus habitantes desapparecem, mas outros succedem a estes, e levantam a residencia nova sobre a residencia velha. Assim n'este nosso Portugal, sobre as ruinas celticas, phenicias ou carthaginezas, se levantaram as fabricas romanas; sobre estas, as godas ou suevas; e sobre estas as arabes.

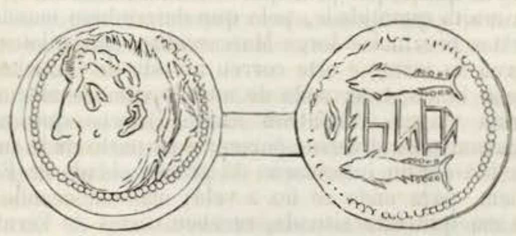
Um cataclysmo, porém, póde subverter esse terreno, e alterar-lhe ou destruir-lhe todas as boas condições; então desapparece o attractivo, e ao bulicio e trafego dos povos, succede a solidão dos desertos. Isto, supponho eu, succedeu a Cetobriga pelos tempos dos successores de Honorio, porque são d'este imperador as moedas mais modernas que tenho alli descoberto. O terreno sobreposto á povoação é de alluvião, e notam-se em partes camadas de despojos marinhos, de carvão miudo e outras materias, o que prova que ella foi submergida pelas repetidas invasões do mar; mas alli subsiste ainda, sob montes e montes de arêa, a ossada de uma povoação romana. Sob esses restos da civilisação romana, que o terreno da Troia nos depara a cada passo, existirão vestigios de alguma civilisação anterior? Vejamos o que nos dizem os antigos.

Caio Plinio Segundo, que percorreu as Hespanhas citerior e ulterior, e passou algum tempo na Betica, como intendente de Vespasiano, descreve as costas d'além e d'aquem do Estreito do modo seguinte: «Começando desde o rio *Ana* (Guadiana) na costa do Oceano, está *Inuba*, a estatuaria, entre os rios Luxia e Urium; os montes Mariannos; o rio Betis; a costa Corense, com seu golpho encurvado, a cuja frente está Cadiz, da qual farei menção quando fallar das ilhas; o promontorio de Juno; o porto de Besippo; os povos Belon e Mellaria; o Estreito derivado do mar Atlantico; Carteia, chamada pelos gregos Tartessos; o monte Calpe.» Continúa Plinio descrevendo a costa interna desde Calpe até *Murgis*, ultimo termo da *Baeticæ finis*. Volta depois á foz do Guadiana para descrever a costa, que defronta com o Oceano, e diz o seguinte: «porém a que se estende desde o Ana, defrontando com o Atlantico, está povoada de Bastulos e Turdulos.» *Ab Ana autem Atlantico oceano obversa, Bastulorum, Turdulorumque est.* Temos, portanto, Bastulos e Turdulos desde a foz do Guadiana por toda a costa do Oceano, até onde? Plinio e Mela collocam os Turdulos desde o Tejo até ao Douro, e Resende, que os compendiou, diz: «que os Turdulos occupavam *maritimam omnem regionem á Tago usque ad Durum*.» Por conseguinte a costa que demora entre o Tejo e Guadiana era occupada pelos Bastulos, e estes foram os habitantes de Cetobriga, antes da dominação romana. Temos comtudo em Strabão uma nota topographica a mais caracteristica que póde desejar-se, para dar como assentada a residencia dos Bastulos em Cetobriga.

Este geographo começa a descripção da terra pelo promontorio sacro (cabo de S. Vicente), e depois de ter feito menção geral dos Bastulos, que habitavam a costa do Oceano, faz menção individual de uns que habitavam uma estreita faxa de terra junto ao mar: «*angustum accolunt littus.*» Quem não vê aqui a estreita faxa de terra da Troia, com os seus quinze kilometros de comprimento, e em partes dois escassos de largura, apertada do sul pelo Atlantico e do norte pelo Callipo ou Sadão? O que admira é que isto não tenha sido visto, ou reflectido ha mais tempo.

Mas quem eram estes Bastulos? Ptolomeo dá-lhes o nome de Bastulos-penos. Appiano chama-lhes Bastulos-phenicios, e tudo é o mesmo, pois que tanto monta dizer: *Phoenices* ou *Poenices*, como *Punici* ou *Poenici*, por quanto as vozes *Poemus*, *Puniceus*, e *Punicus*, como *Phoenix*, *Phoenicius* ou *Poenicius* todas significam uma mesma coisa, a saber, os vermelhos, os erythrios, os do mar Vermelho, d'onde os Phenicios se estenderam até Sidon e Tyro, e d'ahi até ás costas de Africa e de Hespanha; e d'estes ultimos diz Avieno: «*Ista Phœnices prius loca incolebant.*»

Temos visto o que dizem os historiadores e geographos; falta-nos agora revolver as ruinas de Cetobriga, livro de veneranda antiguidade, cujo texto não foi viciado pelos copistas, porque os typos são formados pela natureza, e pelos trabalhos lentos, mas inimitaveis, de dezenas de seculos. Revolver-se-hão.



Aqui dâmos o desenho de uma moeda de cobre, achada na Troia, e anterior á epocha da dominação romana. Os curiosos d'estas antigualhas podem cotejal-a com os alphabetos de letras desconhecidas de Velasquez, que na taboa 7.ª traz o bastulo-phenicio. Eu reputo perdida, para sempre, a chave que poderia dar-nos entrada na lobrega eschola d'estas letras desconhecidas.

M. GAMA XARO.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.